

DOSSIÊ - ENTREVISTA

Divulgação: Mário Ferreira



Prof. Dr. Mário César Ferreira

Entrevistadora:

Khrissley Guimarães de Oliveira Lopes (SEEDF)

Perfil:

Dr. Mário César Ferreira é Psicólogo do Trabalho. Professor titular do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (UnB). Tem doutorado em Ergonomia pela École Pratique des Hautes Études, França. Tem pós-doutorado em Ergonomia Aplicada à Qualidade de Vida no Trabalho (QVT) pela Universidade Paris 1, Sorbonne, França. É especialista em Qualidade de Vida no Trabalho (QVT) com diversas intervenções no contexto do serviço público brasileiro. É também autor e organizador de 12 livros no campo da relação trabalho-saúde e Qualidade de Vida no Trabalho (QVT).

Ergonomia da Atividade Aplicada à Qualidade de Vida no Trabalho: Problemas e soluções

1. O senhor tem dedicado anos de sua formação e atuação profissional acadêmica ao tema da qualidade de vida no trabalho. O que o motivou a seguir esta linha de estudos? Qual a importância deste tema para o trabalhador, em especial, o trabalhador da educação?

Prof. Dr. Mário César Ferreira: Quando decidi pelo curso de graduação, almejava com a Psicologia poder conhecer mais o ser humano e contribuir para a sua saúde mental. Havia também desejo de autoconhecimento. Mas, tão logo iniciei o curso fui percebendo que o campo da clínica e das psicoterapias não me empolgava, sobretudo pela hegemonia de atendimento individualizado. Eu queria uma prática profissional em Psicologia de natureza mais coletiva, mais social. A minha militância no movimento estudantil no período final da ditadura militar-empresarial no Brasil, primeira metade da década de 1980, me motivara fortemente para este caminho de práxis profissional. Foi neste contexto e com base em minhas leituras em filosofia, história, sociologia e na própria psicologia que bem cedo elegi o trabalho como objeto de estudo, conhecimento e formação. Fui, em “doses homeopáticas”, compreendendo o caráter ontológico do trabalho para a constituição da espécie humana. Me apaixonei pelo tema do trabalho e suas múltiplas implicações para a nossa história pessoal e das sociedades. Tema genuinamente universal, transversal e estratégico para compreendermos as virtudes e as mazelas da existência humana na contemporaneidade e também na história.

Para os trabalhadores da educação, forjadores incansáveis das gerações futuras, a Qualidade de Vida no Trabalho (QVT) é uma questão essencial para o saudável exercício do *métier*. Ela é indissociável das vivências de bem-estar no trabalho, de segurança e

dos cuidados em preservar a saúde pessoal e coletiva. Trabalho em educação sem Qualidade de Vida no Trabalho (QVT) é sinônimo de sofrimento, presenteísmo, absenteísmo, adoecimento, acidentes de trabalho, erros, retrabalho, sobrecarga etc. Um cenário muito negativo em que todos perdem: os educadores, as unidades administrativas, as escolas, os educandos, as famílias e, por extensão, a própria sociedade. Quem está no dia a dia das escolas sabe bem do que falo, pois vivenciam diversos problemas (ex. falta de pessoal e de concursos; baixo comprometimento de pais ou responsáveis; falta de acessibilidade para pessoas com deficiências; excesso de demandas; condições precárias de trabalho; distância casa-trabalho etc.). Os governos deveriam adotar uma diretriz do tipo: QVT para educar, educar para QVT!

2. Em suas palestras, artigos e livros o senhor procura diferenciar uma QVT assistencialista e hegemônica daquela promotora de bem-estar no trabalho, ou contra hegemônica. Como o senhor define as duas? Quais as principais diferenças entre elas?

Prof. Dr. Mário César Ferreira: A Qualidade de Vida no Trabalho de viés hegemônico em empresas e órgãos públicos tem se caracterizado por oferecer aos trabalhadores uma espécie de “cardápio” de atividades anti estresse, pleno de alternativas (massagem, yoga, tai chi chuan, meditação etc.). Nas nossas pesquisas encontramos até alternativas do tipo “mapa astral” e “saudando o sol” para a promoção da QVT. Temos todo respeito com estas abordagens, pois certamente devem ter, hipoteticamente, o seu valor quando aplicadas em outros contextos, situações. Mas, imaginar que elas promovem QVT é um equívoco. Uma ilusão ilusionista. Puro assistencialismo. Na prática funcionam como uma espécie de “ofurô” corporativo. O que se passa é que tais ações de QVT não agem de fato nas causas mais profundas das vivências de mal-estar no trabalho que estão presentes nas empresas, nas escolas, nas repartições públicas. Elas são paliativas. As raízes dos problemas permanecem inatacadas, incólumes. Nossas pesquisas na UnB, sobre QVT, mostram que este viés hegemônico de Qualidade de Vida no Trabalho tem fôlego curto, prazo de validade. Os trabalhadores não demoram a perceber sua inocuidade e as abandonam. A rigor a QVT com verniz de “ofurô” veicula uma concepção de ser humano, trabalho e organização de viés produtivista. Em contrapartida, a nossa abordagem contra hegemônica de QVT busca resgatar o sentido civilizatório do trabalho humano como promotor de saúde, bem-estar duradouro e forjador de nossa identidade. Isto aumenta de importância no contexto do serviço público cuja missão não é lucro, rentabilidade e competitividade de mercado.

3. O senhor, em conjunto com outros estudiosos do tema, propõe como alternativa contra-hegemônica a utilização da abordagem identificada como “Ergonomia da Atividade Aplicada à Qualidade de Vida no Trabalho – EAA-QVT”. Do que se trata? Como pode ser utilizada para a identificação de problemas e soluções referentes à Qualidade de Vida no Trabalho?

Prof. Dr. Mário César Ferreira: Preconizamos uma abordagem que tem como paradigma o olhar dos trabalhadores.

Afinal, são eles que conhecem mais o próprio trabalho que realizam, os efeitos de suas ações sobre si próprios, sobre os outros e sobre as situações. Conhecem também certos riscos para a saúde e a segurança pessoal. Cada escola e seu coletivo de trabalhadores, por exemplo, tem singularidades preciosas para contextualizar a necessidade e a urgência de QVT. Com base neste paradigma, construímos uma tecnologia de ponta, ancorada em Ergonomia da Atividade e na Psicologia do Trabalho, que tem ajudado as organizações e seus trabalhadores em diagnóstico de Qualidade de Vida no Trabalho e na concepção de Política e Programa de QVT (PPQVT). A Ergonomia da Atividade Aplicada à Qualidade de Vida no Trabalho (EAA_QVT) se estrutura em dois níveis analíticos complementares: macro diagnóstico organizacional e micro diagnóstico situacional de QVT. O nosso Inventário de Avaliação de Qualidade de Vida no Trabalho (IA_QVT), instrumento quanti-quali de pesquisa empregado na etapa de macro diagnóstico, permite conhecer com rigor científico as fontes reais de bem-estar e mal-estar no trabalho e com base nelas formular tanto Política quanto Programa de QVT para uma dada organização. A EAA_QVT se apoiam em fundamentos teóricos, metodológicos e éticos para que a QVT seja forjadora de uma cultura organizacional de valorização efetiva (e não retórica) dos trabalhadores. Temos mais de duas décadas trabalhando com esta abordagem de Qualidade de Vida no Trabalho no setor público brasileiro. Ela já atingiu certo grau de maturidade e confiabilidade e tem ajudado as organizações e seus trabalhadores na promoção sustentável de QVT.

4. Os governos utilizam as avaliações em nível local e nacional para avaliar a qualidade da educação básica. O senhor acredita que possa existir alguma relação entre os resultados desses exames e a qualidade de vida do trabalhador da educação, em especial do professor? Como isso pode ser observado?

Prof. Dr. Mário César Ferreira: Penso que os resultados que chegam de tais avaliações locais e nacional são uma espécie de ponta do iceberg do que o setor educacional tem podido e conseguido produzir. Assim como os limites e problemas que tais avaliações evidenciam ou sugerem. Subjacente em cada cifra de tais avaliações há um mundo a ser mais bem conhecido, investigado e explorado em termos de presença ou ausência de Qualidade de Vida no Trabalho. A obtenção de resultado X ou Y em uma avaliação é indissociável de desafios, por vezes incontornáveis, nos âmbitos das condições, frequentemente, precárias de trabalho, das relações socioprofissionais conflituosas (ex. práticas de assédio moral e sexual no trabalho), das práticas de gestão produtivistas e adoecedoras, de salários aviltados, de baixa perspectiva de carreira e ascensão profissional, bem como da desvalorização social. Tais avaliações educacionais são fundamentais e estratégicas para o país, mas deveriam também (e prioritariamente) virem acompanhadas de avaliações e política pública no campo da Qualidade de Vida no Trabalho para os educadores. Os trabalhadores da educação são heróis anônimos neste imenso Brasil. Ao cuidarem da formação das crianças e dos jovens são verdadeiros artífices do futuro. As notas das avaliações infelizmente pouco ou nada dizem sobre o custo humano do trabalho inerente para produzi-las.

5. Quais os avanços, caminhos e obstáculos que o senhor vislumbra para a QVT nas instituições públicas e privadas, em especial na área de educação, no momento atual?

Prof. Dr. Mário César Ferreira: Quanto aos avanços, penso que a Qualidade de Vida no Trabalho de natureza sustentável tem avançado especialmente nas instituições federais dos três poderes da República, ainda que de modo incipiente. Há longo caminho a percorrer. Além disto, os trabalhadores cada vez mais tomam consciência de que bem-estar no trabalho não se delega. Ao contrário, o bem-estar no trabalho cobra protagonismo de cada indivíduo para cuidar de si mesmo e ajudar a cuidar dos outros. Não é demais lembrar que nosso país tem pouco mais de 500 anos e dois terços deste tempo estava em vigência o horror do escravagismo. A mentalidade “casa grande e senzala” é ainda forte e presente nas relações de trabalho

no Brasil. Quanto aos caminhos, eles precisam ser forjados coletivamente. Eles devem ser obra de todos que almejam a QVT duradoura, sustentável. Nesta perspectiva, entre tantas tarefas, é imperioso que os trabalhadores da educação compreendam bem a distinção entre Estado e Governo. Governos passam, servidores ficam. É igualmente imperioso abolir o enquadramento “trabalhadores da área fim” e “trabalhadores da área meio”. Tais vínculos, de raiz taylor-fordista, tem se revelado muito nocivos para a efetiva promoção da Qualidade de Vida no Trabalho. Eles terminam sendo geradores de subculturas organizacionais, fontes de conflitos e, sobretudo, de sentimentos de injustiça. É preciso instaurar uma QVT pra valer e durar. Ela não pode ser modismo passageiro. Afinal são os trabalhadores que forjam cotidianamente a riqueza do planeta e são merecedores de Qualidade de Vida no Trabalho. A promoção da QVT no Brasil e, sobretudo no setor educacional, é tarefa pra ontem. ■